

CONTRIBUIÇÃO À ZOOGEOGRAFIA DOS *EUCHROMIIDAE* BRASILEIROS

I. Material colhido em Ilha Sêca, Estado de São Paulo e Salobra, Estado de Mato Grosso, de Fevereiro a Março de 1940.

p o r

LAURO TRAVASSOS FILHO

(Com oito estampas)

Designado pelo Departamento de Zoologia, da Secretaria de Agricultura, para acompanhar a Comissão do Instituto Oswaldo Cruz às localidades referidas, tive oportunidade de colecionar interessante material entomológico, além de outras observações, que me induziram a publicar o presente trabalho, no qual, entretanto, omito outros comentários sôbre a viagem, os quais foram objeto de um "Relatório" publicado à parte, nos "Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia". Neste "Relatório", refiro aspetos da fauna em geral, ao mesmo tempo que faço um confronto relativo com as observações feitas em época diferente pelo Sr. Carlos Vieira e já publicadas como Anexo ao Volume I dos "Arquivos" do mesmo Departamento.

Meu objetivo é concorrer para o conhecimento da distribuição geográfica dos *Euchromiidae*, família esta muito pouco conhecida em nosso país. Além disso, como a colheita foi de todos os exemplares encontrados, serve também para indicar a frequência das espécies.

A primeira localidade visitada pela Comissão foi Ilha Sêca, pequena estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que fica a cerca de 800 quilômetros da cidade de São Paulo, a noroeste do Estado, quasi na divisa do Estado de Mato-Grosso. Esta estação estava até o ano anterior, envolvida por densa floresta nunca derrubada, e justamente por isto, foi escolhida para uma primeira parada.

Causou profunda surpresa a devastação feita em tão pequeno praso, menos de um ano, na floresta da região, que ficou reduzida, praticamente, a um simples campo. Escaparam apenas uns poucos capões de mato, que distavam da estação cêrca de 400 metros, e nesses mesmo já haviam sido retiradas algumas árvores de valor econômico, perdendo assim o seu aspecto natural; êsses capões assim mesmo eram localizados antes da estação, e, em frente, atrás, e depois dela, nada existia, a não ser campo raso, com uma ou outra pequena árvore.

Afim de documentar o que disse acima, dou algumas fotografias: na fotografia 1, temos o aspecto da mata antes da estação, que é vista no primeiro plano justamente com um dos vagões postos à disposição da Comissão; as fotografias 2 e 3, mostram o aspecto em frente da estação, vendo-se algumas casas dos moradores locais; a fotografia 4, mostra o aspeto atrás da estação, em direção ao rio Tietê; a fotografia 5 foi tirada na direção de Mato-Grosso, depois da estação, que é vista à direita; essas fotografias foram obtidas de cima do vagão, como vê-se na 5.

A-fim-de dar uma idéia do que foi a floresta nessa região, dou a fotografia 6, cedida gentilmente pelo Dr. BERLA, companheiro da Comissão, que mostra um tronco de uma árvore em Andradina, estação de uma variante da E. F. Noroeste, e que dista apenas algumas dezenas de quilômetros de Ilha Sêca.

Em Ilha Sêca permaneceu a Comissão de 18 de Fevereiro até 26 do mesmo, passando oito noites; os motores elétricos foram instalados, um na própria estação, servindo para iluminar a sala onde se havia instalado a secção de helmintologia e onde montava-se o material colhido durante o dia, e o outro, a princípio também na plataforma da estação, foi posteriormente mudado para o carro dormitório, como vê-se na fotografia 7; aí, tinha a vantagem de estar diretamente voltado para o resto da mata existente e também de se ter um abrigo na entrada do carro, onde também muitos insetos eram retidos.

A-pesar-de chegarmos às 17 horas, e portanto bem tarde, o tempo foi suficiente para instalação da aparelhagem entomológica, inclusive do higrômetro, que levei para ver a influência da humidade do ar em relação à chegada de insetos ao foco luminoso.

Esta primeira noite foi chuvosa, e por vezes a chuva era mesmo bastante forte, tipicamente uma tempestade de verão. Às 19 horas, os focos acesos, já o higrômetro indicava uma saturação de humidade na atmosfera; é preciso dizer que o aparêlho tinha sido colocado a boa altura na parede da plataforma da estação, abrigado assim do vento e

da chuva, para evitar erros possíveis. Os capturadores eram em número de três para os Lepidópteros, a saber, TRAVASSOS, NEWTON SANTOS e o autor destas linhas, que algumas vezes era colaborado por EVARISTO SALIM, que tinha a seu cuidado a parte de coleópteros.

Dêsse modo, com 2 focos luminosos, chuva e 100% de humidade, colhi nessa noite 136 encromiídeos, sendo computados aqui só os exemplares que eu capturei; afora isso, foram colhidos ainda poucos exemplares de *Adelocephalidae*, *Sphingidae*, *Noctuidae* e *Geometridae*.

Na segunda noite o resultado foi bastante fraco; o higrômetro indicou 95% de humidade, tendo sido colhidos 8 eucromiídeos (esses dados numéricos são sempre referentes ao material que eu colhi, sendo a maioria) e alguns esfingídeos. O início da terceira noite foi claro, com 80% de humidade; mais tarde, 20,30 horas, choveu, passando o higrômetro a indicar 90%, não tendo a chuva sido persistente; foram capturados alguns eucromiídeos e esfingídeos. A noite seguinte, a quarta, teve um início promissor, com chuva e 98% de humidade, mas isso cessou rapidamente, havendo luar a partir das 21 horas; nada foi colhido. Na quinta noite tivemos luar desde o princípio e, apesar disso, 98% de humidade; como na véspera, nada foi capturado. A sexta noite foi um tanto nublada, apesar da chuva que caíra durante todo o dia com curtos intervalos; o higrômetro chegou a indicar 99%; capturei 1 eucromiídeo, tendo aparecido alguns microlepidópteros de vulto. A sétima noite, de lua cheia, teve um início chuvoso, que passou a um belo luar a partir das 21 horas; nesse princípio, que teve um máximo de humidade de 97%, colhi alguns eucromiídeos, tendo aparecido poucos esfingídeos. A oitava e última noite teve, a partir das 22 horas, um forte luar, indicando o higrômetro 95%; até à saída do luar, capturei alguns eucromiídeos que ainda não haviam sido assinalados.

Essas observações, se bem que muito insuficientes, já servem para indicar a importância da humidade na atração dos insetos ao foco luminoso; a noite mais proveitosa foi a primeira, justamente a que teve chuva mais ou menos continuamente e em que houve saturação de humidade. Por outro lado, nas noites de início chuvoso, logo que a chuva cessava e sobrevinha o luar, ao mesmo tempo que o higrômetro indicava menor humidade, deixavam de aparecer os insetos. Há porém um fator que pode ter contribuído eficientemente para prejudicar as observações, que foi a falta de insetos, revelada durante o dia. De fato, a pobreza da fauna entomológica expressou-se logo na primeira noite pela falta de mosquitos e durante os dias era mais que evidente. Dêsse modo, havendo falta de lepidópteros, quer por causa da época, quer por causas

outras, a maioria teria sido atraída na primeira noite, ficando assim desfalcado para as próximas. Outro fator que certamente prejudicou, foi a distância demasiadamente grande que separava o "reliquat" da floresta do foco luminoso.

Foi êsse, em resumo, o resultado da caçada em Ilha Sêca, e daí partimos às 16 horas do dia 26 de Fevereiro, chegando a Salobra no dia 28 do mesmo. No caminho, à noite, acendemos as lâmpadas, mas nada obtivemos. Em Salobra passou a Comissão 11 noites, contando com a da chegada. Se em Ilha Sêca a fauna entomológica mostrara-se pobre, em Salobra. apresentou-se ainda mais, diferindo apenas no número de culicídeos, que se apresentavam, então, em verdadeiras nuvens, das 16 horas até o amanhecer.

Em Salobra, a vegetação se bem que pouca, era bem mais próxima à estação onde devíamos ficar; na fotografia 7 dou o aspecto da mata nas margens do Rio Miranda, próximo da estação, e a fotografia 8, tirada de cima do carro onde estava instalado o foco luminoso, dá um outro aspecto. Entretanto, os resultados foram falhos, certamente devido à escassez da fauna a que já me referi, atribuída aqui em parte, à grande enchente do Rio Miranda; de fato, apenas as partes mais altas não estavam alagadas.

Na primeira noite, a da chegada, nada se capturou, e idêntico foi o resultado da segunda; na terceira, apenas 1 eucromídeo e poucos e pequenos noctuídeos; na quarta, que se iniciou com chuva, o higrômetro registrou 100 % de humidade às 22,30 horas, e, de importante, foi colhido apenas um eucromídeo. Na quinta noite, às 23 horas, o higrômetro indicou 98% e apareceram dignos de nota, alguns adelocefalídeos, e idêntico foi o resultado da noite seguinte, a sexta, apesar do higrômetro indicar, às 22,30 horas, 99% de humidade. A sétima noite foi precedida de forte trovada à tarde, indicando o higrômetro, das 17 horas às 22, a humidade de 99%, tendo sido colhidos alguns eucromídeos. Na oitava noite, com 94% de humidade, nada foi capturado, sendo idêntico o resultado da nona noite, em que o higrômetro indicou 100%, às 22,30 horas. Nas duas últimas noites o higrômetro acusou igualmente 100 %, mas nada de especial a não ser alguns adelocefalídeos, bastantes hemipteros da família *Belostomidae*, e um único eucromídeo, uma fêmea de *Hyaleucerea vulnerata* Butler, 1875.

Aí em Salobra a temperatura foi sempre bastante elevada, e o termômetro, colocado como em Ilha Sêca, a meia altura da parede externa da estação, protegido pelo telhado da mesma, indicava, quasi que diariamente, a máxima de 38°, temperatura esta que no dia 5 de Março

chegou a permanecer até às 17 horas. A temperatura mínima apenas no dia 5 chegou a 20,5 graus, e de curioso, que isto se verificou na madrugada do dia em que a temperatura máxima de 38 graus permaneceu até à tarde, como já disse anteriormente; nos outros dias a mínima nunca foi inferior a 24 graus. Como não havia mosquiteiros, os componentes da Comissão dormiam no carro dormitório, todo fechado por causa dos culicídeos, e que devido ao calor, ficava um ambiente absolutamente insuportável, mas sempre preferível aos terríveis mosquitos.

A humidade, que como já foi dito, era sempre alta à noite, mesmo sem chuva ou neblina, durante o dia era ao contrário, bastante seco, não raro indicando o higrômetro 40%. A pressão barométrica, tanto em Salobra, como em Ilha Sêca, manteve-se bem estável; no dia 9 de Março, em Salobra, constatei às 13,45 horas, que o barômetro indicava uma queda de 3 milímetros e o resultado foi uma fortíssima tempestade, tipicamente de verão, que desabou às 14,30 horas.

O resultado final da excursão foi de 267 *Euchromiidae*, dos quaes apenas 8 de Salobra; aí estão computados também os exemplares colhidos por TRAVASSOS e NEWTON SANTOS. Dêsses, 237 ♂♂ e 30 ♀♀, o que vem a dar 88,7% de machos. Quando estudei o material colhido pela Expedição do Clube Zoológico do Brasil em 1939, também a Salobra, encontrei 107 exemplares, 76,6% de machos, número bastante próximo do primeiro, e que novamente confirma, de maneira geral, a predominância dos machos sobre as fêmeas; nesse ponto há a comentar *Aclytia terra* Schaus, 1896, da qual foram colhidos 103 ♂♂ e apenas 4 ♀♀, e também *Lepidoneiva erubescens* (Butler, 1876) do qual foram colhidos 11 ♀♀ e um único ♂, fato êsse que já tive ocasião de assinalar em trabalhos anteriores.

Nesses 267 exemplares acham-se representadas 35 espécies pertencentes a 20 gêneros, o que vem a dar um número bem apreciável. Entre as espécies destacam-se 4 que até então não haviam sido assinaladas no Brasil, e cerca de 8 só eram conhecidas do norte do país. Dêsse material foram incluídos na coleção do Museu Paulista 95 exemplares, catalogados do número 50.700 a 50.794.

Afim de facilitar o confronto da distribuição geográfica das espécies encontradas, dou na lista que se segue, a distribuição completa da maioria; nas outras cito o meu trabalho "*Euchromiidae* de Salobra", em que já se acham bem comentadas, tornando supérflua uma repetição. Dou também a indicação do catálogo de ZERNY, 1912, e de outros autores que tive necessidade de consultar para a determinação precisa; refiro o número total e sexo dos espécimes, e o número sob o qual foram

catalogados. Algumas vezes referí a proveniência de exemplares já existentes na coleção.

RELAÇÃO DO MATERIAL

Sphecosoma besasa Schaus, 1925

SHAUS, 1925, p. 1 ORFILA, 1935, p. 182

1 ♂, n. 50.794, de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: SCHAUS, 1925, quando descreveu a espécie, cita Brasil, Vitória; acredito que esta localidade seja a capital do Estado do Espírito Santo; acrescento Ilha Sêca, no Estado de São Paulo.

ORFILA, 1935, estudando o gênero, não possuindo material desta espécie, colocou-a "incertae saedis"; aproveito agora para incluí-la no gênero *Sphecosoma* Butler, 1876.

Neotrichura penates Druce, 1896

ZERNY, 1912, p. 52

1 ♀, n. 50.700, de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Panamá, Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná) e Paraguai.

Esse exemplar acha-se bastante quebrado, tendo sido encontrado em uma teia de aranha, sendo conservado por ser o único capturado.

Phoenicoprocta vacillans (Walker, 1856)

WALKER, 1856, p. 1617; ZERNY, 1912, p. 60

1 ♂, n. 50.701, de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Venezuela, Colômbia e Brasil (Pará, S. Paulo e Santa Catarina). HAGMANN, 1938, refere o encontro da subespécie *P. v. nigricoxa* Zerny, 1931, no Pará.

Mesother pyrrha (Schaus, 1889)

ZERNY, 1912, p. 64

2 ♂♂, ns. 50.702 e 50.703, ambos de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: México, Honduras, Panamá, Guiana Francesa, Colômbia, Perú e Brasil, no Pará e Mato Grosso (Salobra). Acrescento agora São Paulo (Ilha Sêca).

Estudando o material colhido pela Expedição C.Z.B., colhido em Mato-Grosso, encontrei esta espécie, assinalando-a então no sul do país. O seu encontro em Ilha Sêca vem demonstrar que a sua dispersão na nossa Pátria abrange uma área bastante considerável. O exemplar n. 50.703 é bastante escuro, tendo raríssimas escamas brancas que nos permitiram a sua determinação; no exemplar de Salobra, n. 50.211, (Exp. C.Z.B.), a côr branca já é bem reduzida, porém mais aparente que no exemplar citado, de Ilha Sêca.

Mesother desparata (Walker, 1856)

WALKER, 1856, p. 1602; ZERNY, 1912, p. 63

10 ♂♂ de Ilha Sêca; 5 incluídos na coleção sob os ns. 50.704 a 50.708.

2 ♂♂ de Salobra, um incluído na coleção sob o n. 50.709.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Panamá, Guianas, Venezuela, Trindade, Brasil (nos Estados do Amazonas, Mato-Grosso (Salobra) e S. Paulo) e no Paraguai. Torno a referir essa espécie em Salobra, Mato-Grosso e em São Paulo, na localidade de Ilha Sêca.

Cosmosoma auge (L., 1767)

ZERNY, 1912, p. 68; TRAVASSOS FILHO, 1938, p. 59

1 ♂, 1 ♀, ns. 50.710 e 50.711, ambos de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Cuba, Jamaica, México, Guatemala, Costa Rica, Honduras, Panamá, Guianas, Venezuela, Bolívia, Perú, Equador, Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. FORBES, 1939, assinala uma raça na Florida, Estados Unidos da América.

No Brasil, foi assinalado nos Estados do Amazonas, Pará, Rio de Janeiro (Angra dos Reis e Manguinhos), São Paulo (Alto da Serra, de Santos, Capital, Ilha dos Alcatrazes, Campos do Jordão, Eugenio Lefevre e agora em Ilha Sêca), Mato Grosso (Salobra) e no Rio Grande do Sul.

Esta espécie, como ficou patente acima, e uma das que tem maior dispersão geográfica, sendo os exemplares muito semelhantes entre si, mesmo quando comparados os de proveniências mais distantes.

Cosmosoma achemon (Fabr., 1781)

ZERNY, 1912, p. 67

♂, n.º 50.712, de Salobra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Jamaica, Haítí, Venezuela, Guianas, Trindade e Brasil, no Pará e Mato-Grosso, em Salobra.

Esse exemplar vem confirmar a minha observação anterior, com o material da Exp. C.Z.B.

Cosmosoma remotum (Walker, 1854)

WALKER, 1854, p. 170; ZERNY, 1912, p. 73

2 ♂♂, ns. 50.713 e 50.714, de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Venezuela. Assinalo agora Brasil, no Estado de São Paulo, em Ilha Sêca. Além dêsses exemplares, há ainda outros três, já existentes na coleção, todos também colhidos no Estado de S. Paulo: 50.187, 50.188, ambos da localidade de Araras, GARBE col., e 50.189, da capital (Ipiranga, SPITZ col.).

Esta espécie apresenta grandes variações no colorido da sua asa anterior e pareceu-me que já foi descrita com outros nomes; entretanto WALKER terá prioridade sôbre os nomes que possivelmente tenham coincidir com a sua espécie; uma série muito numerosa esclareceria a questão.

Cosmosoma teuthras (Walker, 1854)

TRAVASSOS FILHO, 1940, p.

1 ♂, n.º 50.715, de Ilha Sêca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: as proveniências referidas no trabalho citado, acrescenta Ilha Sêca, no Estado de São Paulo.

Já tive oportunidade (*Euchromiidae* de Salobra) de estender-me bastante sôbre esta espécie; êsse exemplar vem agora aumentar a série não pequena que já possuo, e é justamente o extremo mais preto; a sua côr vermelha é reduzidíssima, interessando apenas uma pequena porção basal da asa anterior, ligeiramente idêntica porção da asa posterior, o tórax e parte do primeiro segmento abdominal. Na asa anterior, a área costal tem apenas vestígios dessa côr na base, e na mancha discal, algumas escamas vermelhas na da asa direita, sendo digno de nota, o fato de ser a mancha discal esquerda totalmente preta; êsse exemplar corresponde sem dúvida alguma à variação denominada *nigrescens* por ROTHSCHID, 1911.



L. TRAVASSOS FILHO

Ilha Sêca. Aspecto anterior à estação.

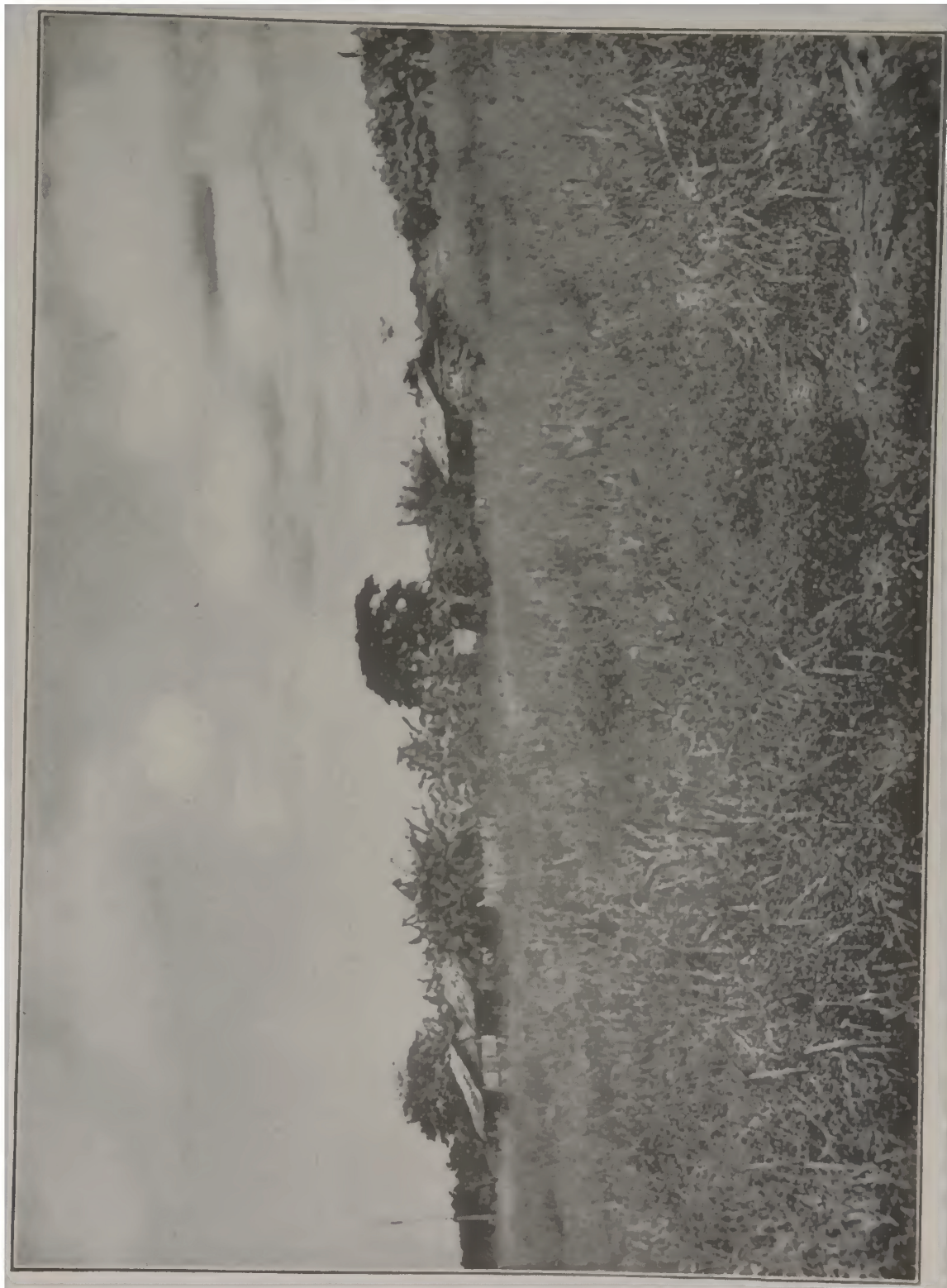
Est. I



L. TRAVASSOS FILHO

Ilha Sêca. Aspecto em frente à estação.

Est. II



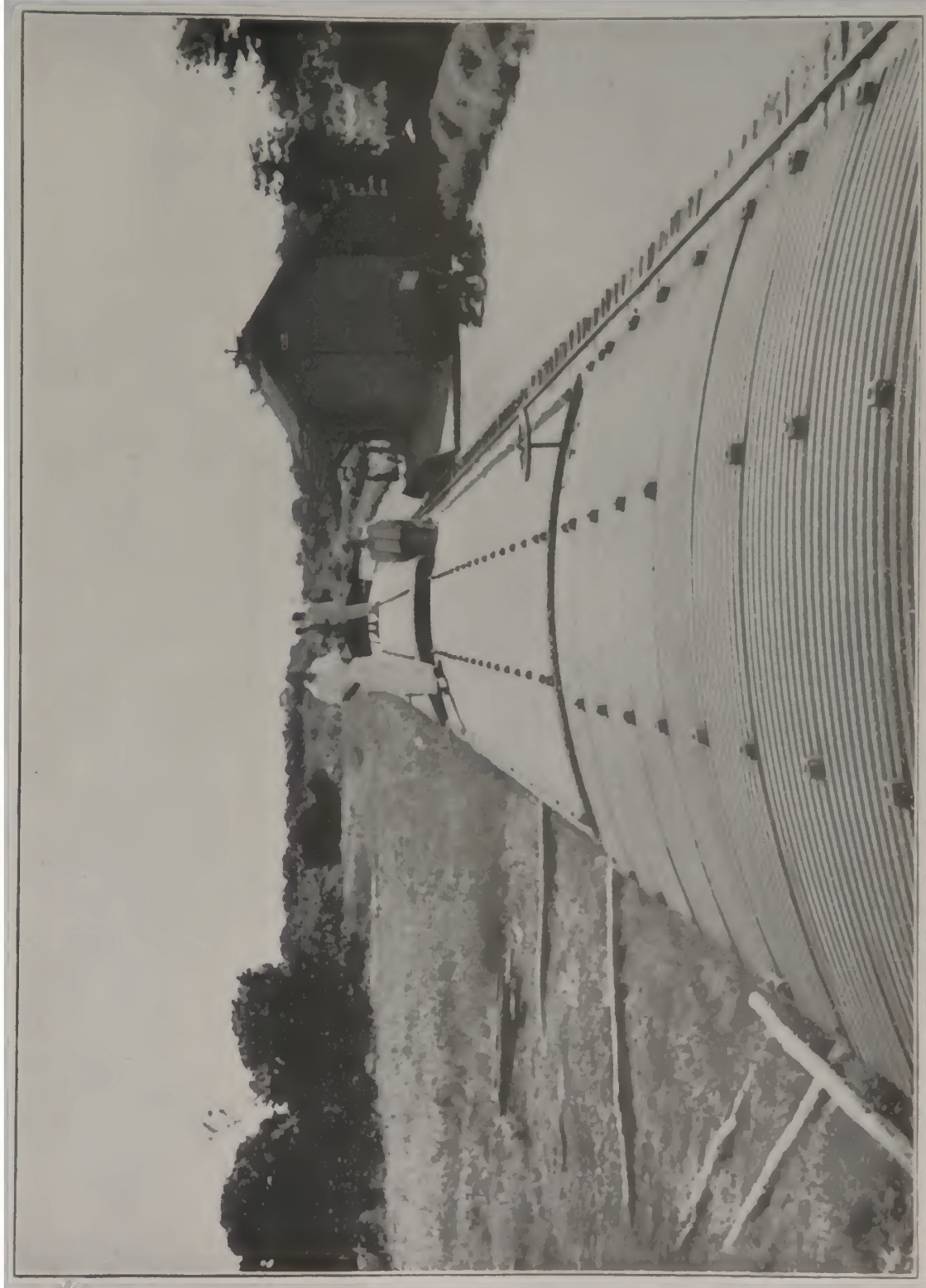
L. TRAVASSOS FILHO Ilha Sêca. Vista em frente à estação, vendo-se algumas casas de moradores locais. F. st. III



L. TRAVASSOS FILHO

Ilha Sêca. Aspecto atraz da estação, na direção do rio Tietê.

Est. IV



L. TRAVASSOS FILHO

Ilha Sêca. Aspecto local em direção ao Estado de Mato Grosso.

Est. V



L. TRAVASSOS FILHO

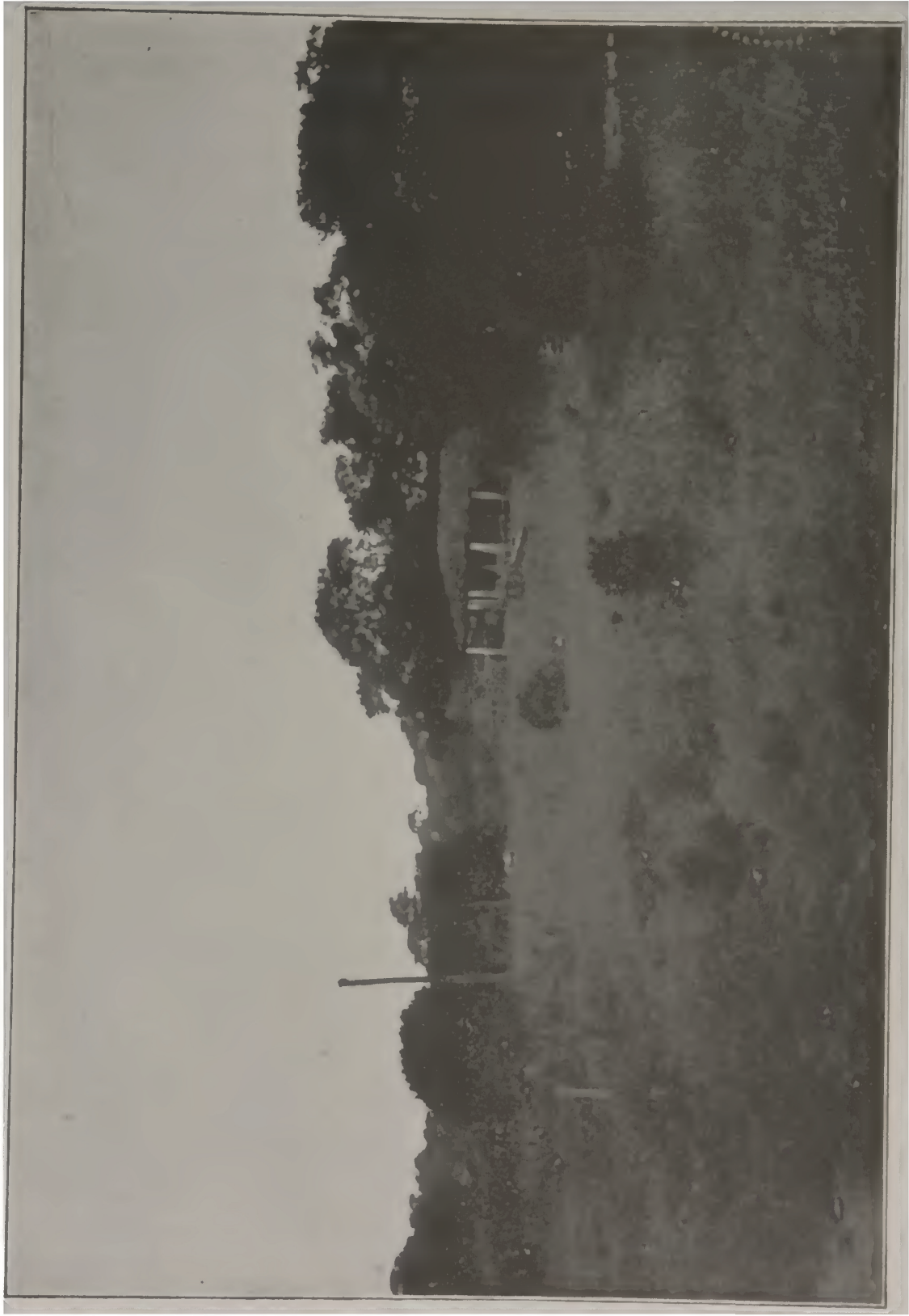
Andradina. Tronco de uma árvore das terras locais.



L. TRAVASSOS FILHO

Salobra. Aspecto do Rio Miranda

Est. VII



L. TRAVASSOS FILHO

Salobra. Aspecto local.

Est. VIII

